

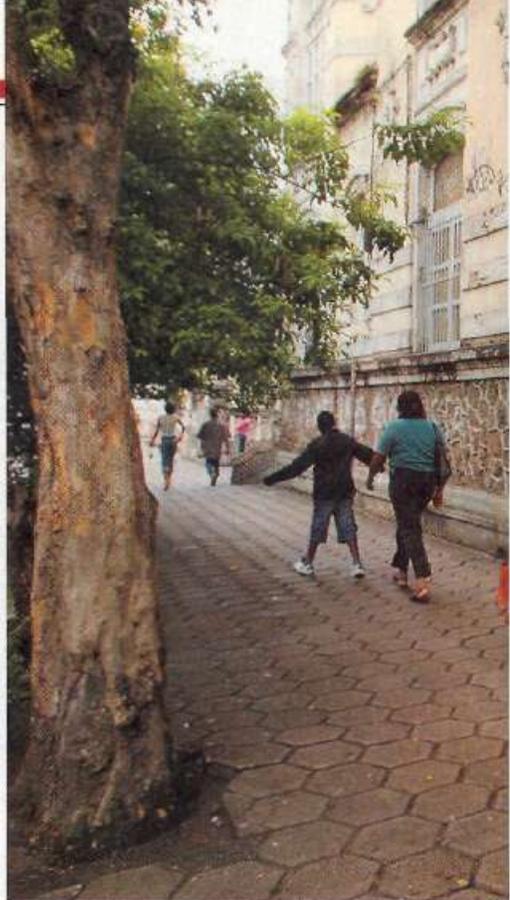
A supertele é só o começo

A possível fusão da Oi com a BrT impulsiona a maior – e mais explosiva – mudança nas telecomunicações desde a privatização da Telebrás

JOSÉ FUCS E RONALD FREITAS

NO PRINCÍPIO, ERA PARA SER UMA mudança nas regras do jogo com alvo definido. O objetivo era permitir especificamente a compra da Brasil Telecom (empresa de telefonia que atua nas regiões Sul, Centro-Oeste e nos Estados de Tocantins, Acre e Rondônia) pela Oi (operadora com atuação no Rio de Janeiro, no Espírito Santo, em parte de Minas Gerais, no Nordeste e em parte da Região Norte). O negócio – hoje proibido pela legislação, que impede fusões entre operadoras do setor – permitiria a criação de unia supertele brasileira. O controle ficaria nas mãos dos empresários Carlos Jereissati, do Grupo La Fonte, e Sérgio Andrade, da Construtora Andrade Gutierrez, ambos acionistas da OI, com crédito do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e apoio de fundos de pensão de estatais.

Comunicações. As demais empresas do setor reagiram ao privilégio que se pretendia oferecer à Oi e à Brasil Telecom (BrT). Alguns analistas viram relação entre a ideia da fusão e o fato de o empresário Sérgio Andrade, da Oi, ter sido o principal doador da campanha à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da

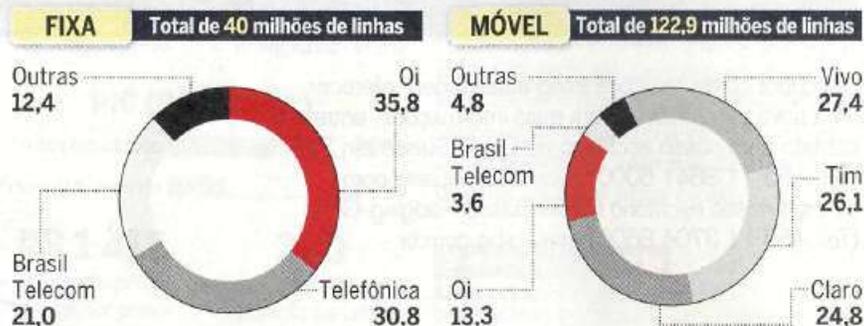


Anova empresa, segundoa

visão do governo, teria melhores condições de enfrentar grandes concorrentes internacionais presentes no Brasil. É o caso da Telefónica, da Espanha, que também detém participações na Vivo e na Tim, e da Telmex, do México, controladora da Claro e da Embratel. A nova empresa também teria mais força para se expandir no exterior. Mas nem tudo andou como previram os articuladores da proposta – o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho, e os ministros Dilma Rousseff, da Casa Civil, e Hélio Costa, das

Controle pulverizado

Qual é a atual participação de mercado das empresas de telefonia fixa e móvel – em % do número de linhas em todo o país





NOVA ERA

Os serviços telefônicos das principais operadoras brasileiras (no sentido horário, Oi, Vivo, Telefônica, Claro, BrT e Tim). As novas regras deverão preservar a concorrência e estimular a modernização tecnológica do setor



Silva, em 2006. A Oi também investiu R\$ 5,2 milhões em 2004 na Gamecorp, empresa de Fábio Luiz Lula da Silva, filho do presidente.

Diante das críticas, o governo estudou a questão mais de perto e decidiu promover uma ampla reforma no setor das telecomunicações, a maior desde a privatização da Telebrás, em 1998. "Fizeram as coisas pelo caminho inverso do que deveriam", diz um consultor especializado na área. "Antes de promover uma fusão desse porte, é preciso mudar todas as regras do setor, e isso

precisa ser debatido publicamente - e não o contrário."

Foi o que o governo percebeu. Em fevereiro, o ministro Hélio Costa enviou à Agência Nacional de Telecomunicações (Anatei), que regula e fiscaliza o setor, um documento que recomenda a adoção de um novo modelo de operação para o setor. Esse modelo em gestão em Brasília deverá pôr fim ao atual sistema, criado pelo ex-ministro das Comunicações Sérgio Motta nos anos 90, que limita a atuação das telas a uma região geográfica. Hoje, as

diferentes tecnologias, como telefonia fixa, móvel e de longa distância, estão cada vez mais integradas. As empresas de telefonia também não vendem mais apenas telefones. Oferecem serviços de transmissão de dados, sons e imagens, por cabo, microondas ou por satélite, em um único pacote. "Uma adequação das regras é bem-vinda, desde que preserve os dois princípios fundamentais da legislação atual: universalização e concorrência", diz o economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo FHC. ▶

"As novas regras devem viabilizar a modernização tecnológica em benefício do usuário", afirma o presidente da Tim, Mário César Pereira de Araújo. "Mas elas têm de levar em conta que as empresas fizeram investimentos pesados e não criar rupturas."

Com a nova regulação do setor, as empresas de telefonia que operam em regiões diferentes do país poderão se unir. Também será possível ampliar o leque de serviços oferecidos à clientela. Em vez de transmitir apenas voz, elas poderão oferecer serviços de transmissão de vídeo e dados, num fenômeno conhecido como convergência digital.

Espera-se, ainda, que haja mecanismos de controle de preços para as empresas que desejarem operar em telefonia fixa, mas não tenham redes próprias de cabos ou fios. Por meio de um mecanismo chamado pelos especialistas de "desagregação", seria possível a essas empresas alugar as redes das concorrentes. A Tim, por exemplo, que até há pouco tempo restringia seus serviços à telefonia mó-

vel, teria direito a atuar na telefonia fixa em todo o país. A empresa quer alugar redes de terceiros por "preços justos" (*leia o quadro abaixo*). "A desagregação vai ajudar a reduzir os gargalos operacionais", diz Araújo, da Tim.

Para que as novas regras entrem em vigor, será necessário mudar, por meio de uma medida provisória, o Plano Geral de Outorgas (PGO), dispositivo legal que, depois da privatização da Telebrás, dividiu o país entre as atuais operadoras de telefonia fixa e proibiu que um mesmo grupo controle duas concessionárias. Mas, antes da assinatura de Lula, há um ritual que precisa ser seguido. A Anatei precisa estabelecer um prazo para que o assunto seja colocado em consulta pública e receba sugestões e críticas das empresas e da sociedade. Depois, o conselho da Anatei precisa aprovar a alteração e encaminhá-la ao presidente. Se esse ritual não for seguido, qualquer mudança poderá ser questionada na Justiça. Como a Anatei não tem prazo para responder

às recomendações do ministro Hélio Costa, ninguém fala em data para a entrada em vigor do novo modelo. Informalmente, cogita-se que isso poderá ocorrer ainda neste semestre.

O novo modelo vai exigir uma inversão de prioridades. Ainda para atender às regras de dez anos atrás, Oi, Brasil Telecom e Telefônica deveriam instalar postos de serviços de telecomunicação em pequenos municípios brasileiros. O investimento, estimado em R\$ 1 bilhão pelo Ministério das Comunicações, deverá ser trocado pela instalação de um equipamento que permitirá a oferta de banda larga em todos os 5.500 municípios do país até 2010. Em consequência disso, será possível fazer a conexão de 55 mil das 142 mil escolas públicas brasileiras - 22 mil escolas conectadas com a banda larga ainda em 2008 - e a universalização do serviço de telefonia celular, segundo as previsões oficiais. Se tudo der certo, é possível - e até provável - que o Brasil venha a dar mais um salto no dinâmico universo das telecomunicações. ◆

O imbróglio das teles O que está em jogo hoje e quais são os principais grupos que atuam no setor

Empresa	Principais acionistas	Participação dos controladores em outras empresas do setor	Regiões/Estados em que atua	Serviços oferecidos	O que pretende
Brasil Telecom	Opportunity, Citigroup e fundos de pensão	Não tem	Sul, Centro-Oeste, AC, TO e RO	Telefonia fixa, celular, ligações de longa distância e acesso à internet	Realizar a fusão com a Oi para formar um gigante nacional do setor e expandir os negócios para o exterior
Claro	América Móvil/Telmex	Embratel, Vésper, Net, Portugal Telecom	Com início de operações no AM, AP, PA, MA e RR, terá presença em todo o país	Celular, ligações de longa distância, TV por assinatura e acesso à internet	Adquirir o controle da Net/Virtua e fazer novas aquisições no setor no exterior
Oi	La Fonte, Andrade Gutierrez, BNDES, Citigroup, Opportunity, GP Investments e fundos de pensão	Way TV	Nordeste, RJ, ES, MG, AP, RR e em breve SP (só celular)	Telefonia fixa, celular, ligações de longa distância, TV por assinatura e acesso à internet	Realizar a fusão com a BrT para formar um gigante nacional do setor e expandir os negócios para o exterior
Telefônica	Telefônica	Vivo, Tim, TVA, Terra, Telecom Italia, Portugal Telecom	SP (fixo) e todo o Brasil (celular)	Telefonia fixa, celular (Vivo e Tim), ligações de longa distância e acesso à internet	Comprar o controle da Vivo, e fundi-la com a Tim. Expandir os serviços por TV a cabo e microondas
Tim	Telecom Italia e Telefônica	Vivo, Tim, TVA, Terra, Telecom Italia, Portugal Telecom	Todo o Brasil (celular)	Celular, telefonia fixa, ligações de longa distância e acesso à internet	Alugar a rede de telefonia fixa das concorrentes para vender serviços de transmissão de dados
Vivo	Portugal Telecom e Telefônica	Mobitel, Dedic, UOL, Global Telecom	Com início em MG, AL, RN, PI, PE, PB e CE, terá presença nacional	Celular e acesso à internet	Comprar a fatia da Telefônica ou vender sua participação por 3,5 bilhões de euros